

SEXUALIDADE E SUA ABORDAGEM PEDAGÓGICA NA SALA DE AULA NO ENSINO MÉDIO

Ádrian Henrique Ferreira Barboza
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Resumo: O objetivo geral deste artigo foi analisar como são fomentadas as discussões acerca da sexualidade na escolarização formal, buscando responder as seguintes questões: as escolas trabalham o tema *sexualidade* na sala de aula? O que se tem entendido por sexualidade na sala de aula? E qual impacto a não abordagem da temática causa na concepção dos alunos acerca do assunto? Para isso, foram feitas observações das aulas de Língua Portuguesa e Artes em uma escola pública, de modalidade Ensino Médio, no município de Vitória da Conquista-Bahia. A pesquisa foi construída através das disciplinas Estágio-Pesquisa e Estágio-Extensão, ofertadas pelos Cursos de Letras, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, nos semestres 2018.1 e 2018.2. Através dessas observações e de análises dos livros didáticos de Língua Portuguesa e Artes, partindo de uma abordagem qualitativa, constatou-se que a escola ainda não aborda a temática sexualidade na sala de aula de forma ampla e, quando aborda, se faz de maneira descontextualizada com as diversas identidades socioculturais presentes na sociedade e até mesmo dentro do seio escolar, além de se pautar, apenas, pela discussão e prevenção às Dst's – Doenças Sexualmente Transmissíveis – como se a sexualidade desse viés a apenas questões biológicas. Portanto, faz-se necessário com urgência o debate dessa temática na sala de aula e no contexto escolar, já que a escola é um centro de formação social, responsável pela “educação formal” e visão crítica dos alunos, proporcionando para que estes reflitam sobre esta temática e não propaguem preconceitos que estão na sociedade há décadas.

Palavras-chave: Contexto escolar. Sala de aula. Sexualidade.

Introdução

A escola possui um papel de extrema importância na vida de todos os indivíduos, já que é responsável pela aplicação e/ou construção de uma “segunda educação” ou melhor, a “educação formal”. Desde a sua criação, até os dias atuais, as escolas passaram por diversas transformações de cunhos sociais, políticos e também ideológicos.

Com as grandes descobertas científicas no mundo até a criação e chegada da chamada *Internet*, a escola, que era e ainda é vista como um espaço engessado e limitado, teve ou deveria se adaptar a essas novas realidades sociais. Por meio dos chamados *smartphones* e *tablets*, as informações chegam aos seus usuários em questão de segundos. Se, por um lado, a tecnologia chegou como forma de facilitar as nossas vidas, do outro, nos introduz de uma forma desenfreada a todo tipo de conteúdo, principalmente, aqueles destinados ao público jovem; exemplo disso são as mídias sexuais como sites e filmes pornô que influenciam de forma precoce o lado sexual dos usuários. Todavia, apesar dessa realidade, a escola ainda não parece ter se adaptado, de forma efetiva, às novas realidades digitais, pois continua estática a conteúdos propostos pelo livro didático sem promover o debate de temas relevantes que são fomentados em várias esferas da sociedade. Uma temática que ainda é considerada *tabu* nas escolas é a *sexualidade*, seja pela falta de conhecimento sistematizado acerca do tema ou de próprios preconceitos existentes nessas instituições que são pautadas pelo conservadorismo. Além disso, muitas pessoas defendem que sexualidade e a escola devem ser abordadas de forma separada, sendo a família a única responsável pela promoção do debate dessa temática.

Tendo em vista a necessidade de estudo e debate desse assunto, utilizamos as contribuições de Guacira Lopes Louro (2000), Deborah P. Britzman (1998), Leandro Colling (2013) em que, entre outros, discutem em diversas obras, de maneira enfática, o “para além” do termo *sexualidade*, visto que este não abarca apenas questões voltadas para áreas da saúde. Entretanto, este artigo traz discussões inéditas sobre a abordagem da sexualidade em disciplinas não tão faladas como Língua Portuguesa e Artes, já que estas, a todo o momento, estão trabalhando com as diversas linguagens que estão nos mais diversos grupos socioculturais.

Este artigo teve como objetivo analisar como são fomentadas as discussões acerca da sexualidade, na escolarização formal, além de investigar, se os gêneros textuais, priorizados pelos professores de Língua Portuguesa e Artes, no Ensino Médio, abordam a temática relacionada. A escola priorizada foi o Colégio Estadual Carlos Daniel Ferraz, sendo da rede pública de ensino, situada no bairro Vila Verde, em Vitória da Conquista-Bahia. A pesquisa foi construída através das disciplinas Estágio-Pesquisa e Estágio-Extensão, ofertadas pelos Cursos de Letras, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, nos semestres 2018.1 e 2018.2, ministradas pela professora Mestre Fabiana Andrade Santos.

Compreendemos a relevância desta pesquisa que ensejará o debate entre educadores e educandos acerca dos tabus que inviabilizam a discussão sobre sexualidade em sala de aula no ensino médio. Posto isso, serão discutidas as seguintes questões: As escolas trabalham o tema

sexualidade na sala de aula? O que se tem entendido por sexualidade na sala de aula? E qual impacto a não abordagem da temática causa na concepção dos alunos acerca do assunto?

Portanto, faz-se necessário um estudo mais aprofundado e dinâmico em relação ao comportamento da escola quanto à abordagem dessa temática, já que falar sobre sexualidade não é tão somente falar de métodos contraceptivos e/ou sexo, mas, também, das diversas identidades socioculturais que estruturam a sociedade a qual pertencemos.

Fundamentação Teórica

Falar de sexualidade não é algo fácil, principalmente, se for na sala de aula, em decorrência da pluralidade e da diversidade que engloba este tema, no contexto escolar. Não basta ter apenas o conhecimento sistematizado acerca do tema, mas, também, formas de abordagem em sala de aula, ou seja, como se deve abordar. Além disso, a abordagem da temática sexualidade, na sala de aula, não requer somente debates sobre questões sexuais é, para além disso; uma questão de saúde pública.

Na década de 1980 surge uma teoria que busca compreender a(s) forma(s) como a sexualidade é estruturada e ordenada na sociedade contemporânea: a *Teoria Queer* ou *Pedagogia Queer*. Para Louro (2001, p.546) o termo “queer” pode ser traduzido como “estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário e também pode-se constituir de forma pejorativa com que são designados homens e mulheres homossexuais”. Antes mesmo do surgimento dessa teoria, Michel Foucault (1976) contribuiu, de maneira direta, sobre o estudo da sexualidade nos três volumes da obra *História da Sexualidade* em que discute sobre a possibilidade de uma construção discursiva da sexualidade. Com isso, nota-se que, há muito tempo, necessitam-se de estudos mais amplos dessa temática em virtude das inúmeras diversidades que existem na sociedade que, infelizmente, são marginalizadas e ocultadas pelo padrão heteronormativo de comportamento.

Segundo Maria Dolors Busquets e Aurora Leal (1993, p.65) “o contexto geral proporcionado pelas novas concepções sobre a saúde permite-nos perceber a necessidade de a população formar uma mentalidade e hábitos de vida saudáveis”, ou seja, é fundamental que se tenha uma correlação entre Saúde e Educação para que os indivíduos possam interagir com os temas que englobam nessas tais temáticas.

As autoras Genoveva Sastre e Teresa Fernández (1993), psicólogas que também se juntam com as autoras acima citadas, discutem sobre a chamada escola “mista”.

As autoras indagam que

a diversidade social gera uma pluralidade de caminhos construtivos, que só podem ser compreendidos a partir de uma abordagem teórica que parta da complexa unidade entre os diferentes aspectos da conduta individual

(pensamentos, sentimentos e desejos), e entre os distintos níveis de amplitude relacional que permitem passar do indivíduo para as relações interindividuais e para as configurações macrossociais que lhes atribuem significado. (SASTRE, FERNÁNDES, 1993, p.169).

Vale ressaltar que a escola não pode ser colocada como vilã pela falta de abordagem da temática; muito pelo contrário, é a partir dela que as pessoas, ainda enquanto crianças apreenderam os primeiros valores que perpassam pela vida toda, além de apreenderem, também, coisas novas, é claro. Entretanto, como já foi dito, a escola ainda se pauta pelo conservadorismo e, propositalmente ou não, acaba por impor as regras de uma sociedade considerada “normal”, tendo em vista como certo, apenas, a constituição de uma família tradicional (constituída por pai, mãe e filho), e a heterossexualidade como única orientação sexual aceita. É o que Deborah P. Britzman no capítulo intitulado *A escola cidadã no contexto da Globalização* aborda.

De acordo com Britzman (1998, p.158-9)

Quando sexualidade, cultura e política são relacionadas, podemos explorar o direito à livre associação. Isso significa que precisamos começar perguntando a nós mesmos o que nos vem à mente quando pensamos sobre sexualidade [...] E em certo nível, de fato, é importante a quem se ama, se existem limites sociais que unem sexualidade à questão do que é normal e do que é anormal, do que é aceitável e do que é inaceitável. Essa é também uma questão de cidadania [...].

Além disso, a autora faz, também, menção ao grande educador brasileiro Paulo Freire (1996) quando este critica o apassivamento do aluno. Para a autora, os conceitos de política e cultura também estão englobados aos da sexualidade e este último é o ponto de partida para debates.

Segundo Britzman (1998, p.160)

Como a cultura e a política, a sexualidade é o local imaginativo ao qual discursos sociais mais amplos se vinculam. Mas cultura, política e sexualidade são também espaços nos quais o significado pode ser rompido, o interesse pode ser perdido, idéias podem condenar e a conformidade pode desencorajar. Tal como a cultura e a política, a sexualidade seja “um ato pelo qual cada indivíduo marca o que os outros [e o eu] fornecem para as necessidades e para o pensamento”.

Já na obra *Curiosidade, sexualidade e currículo* a autora discute como o professor pode abordar a temática sexualidade.

O modelo de educação sexual aqui proposto exige muito das professoras e dos professores. Em primeiro lugar, elas e eles devem estar dispostos a estudar a postura de suas escolas e a ver como essa postura pode impedir ou tornar possíveis diálogos com outros professores e com estudantes. As professoras precisam perguntar como seu conteúdo pedagógico afeta a curiosidade do/a estudante e suas relações com os/as estudantes. Elas devem estar preparadas para serem incertas em suas explorações e ter oportunidades para explorar a extensão e os surpreendentes sintomas de sua própria ansiedade. Mas juntamente com a análise de por que a sexualidade é tão

difícil de ser discutida no conteúdo escolar, deve também haver uma disposição de parte das professoras para desenvolver sua própria coragem política, numa época em que pode não ser tão popular levantar questões sobre o cambiante conhecimento da sexualidade. Isso significa que a sexualidade tem muito a ver com a capacidade para a liberdade e com os direitos civis e que o direito a uma informação adequada é parte daquilo que vincula a sexualidade tanto com o domínio imaginário quanto com o domínio público. (BRITZMAN, 2000, p.78)

Louro (1998, p.94) também indaga que:

Por tudo isso, é indispensável analisar as concepções de gênero e sexualidade que estão subjacentes às orientações e programas educacionais; examinar que as associações vêm sendo feitas entre, de um lado, a doença e a violência e, de outro, determinadas identidades ou comportamentos sexuais.

Por fim, a autora conclui o seu capítulo presente na obra intitulada *Saúde e Sexualidade na Escola e*, também, vocalizando como a temática sexualidade pode ser pedagógica e de que modo pode-se trabalhar este tema:

A escola “dá lições” de sexualidade cotidianamente, muito além das possíveis sessões de “educação” ou “orientação sexual” previstas no currículo; em consequência, qualquer tentativa de um projeto educacional alternativo implica uma tomada de posição mais ampla. Caminhar nessa via implica a ampliação da discussão sobre a sexualidade, na escola, e fora dela. Isso supõe acolher a cultura e os saberes dos/das jovens; supõe debater e problematizar as representações de feminino e masculino que estão sendo feitas pela mídia, pelas igrejas, pelos discursos diretos [...]. Essa perspectiva obriga-nos a fazer face a nossas próprias histórias e preconceitos e a assumir, criticamente, que estamos envolvidos/as em jogos e relações de poder que separam, classificam e discriminam sujeitos. (LOUROS, 1998, p.95)

Metodologia

Considerando, como reflete Bortoni-Ricardo (2008, p.49), que “o objetivo da pesquisa qualitativa, em sala de aula, em especial, a etnografia, é o desvelamento do que está dentro da “caixa preta” no dia-a-dia dos ambientes escolares [...]”, priorizamos essa abordagem pelo seu olhar mais “humanizado” quanto ao objeto de estudo, no caso, a sexualidade de forma pedagógica em sala de aula. Ressalta-se que tal temática necessita de uma visão interpretativista para sua análise, em livros didáticos, e, também, em sala de aula.

Foram observados o total de oito aulas das disciplinas Língua Portuguesa e Artes, sendo cinco aulas de Língua Portuguesa e três aulas de Artes, no período de 12 de Março a 14 de Março de 2019, no período matutino, do Colégio Estadual Carlos Daniel Ferraz, no município de Vitória da Conquista – Bahia. As aulas das duas disciplinas são ministradas pela mesma professora, no primeiro ano do Ensino Médio. Foram analisados, também, alguns gêneros textuais presentes nos livros didáticos de ambas as disciplinas. Leva-se em

consideração que os autores deste artigo não optaram em utilizar questionário sobre a temática para os alunos, em virtude desta ainda ser considerada como *tabu*, podendo gerar certa polêmica, além da direção do colégio pesquisado ser munido de uma concepção de ensino engessada e tradicional, não permitindo, assim, uma maior intervenção por parte dos pesquisadores. Todas as informações acima citadas foram proferidas por meio de uma conversa informal com a professora das duas disciplinas acima citadas. Em virtude da professora, em ambas as disciplinas, utilizar do livro didático para dar aula, priorizamos a análise de apenas alguns gêneros textuais que consideramos mais relevantes para esta pesquisa.

Quanto à natureza, a pesquisa foi do tipo aplicada, com relação ao objetivo do tipo descritiva, pois é necessária a descrição das informações para que os leitores conheçam o objeto a ser estudado, no caso, a sexualidade, e compreendam a importância da abordagem dessa temática em sala de aula.

Resultados e Discussão

Para essa pesquisa, foram observadas oito aulas em duas turmas de 1º ano do Ensino Médio (turmas A e B), sendo três aulas na primeira turma e duas na segunda, respectivamente. Já as três aulas de Artes observadas ocorreram na turma do 1º ano C. Desde o ano de 2018, foi implantado nesta escola e em muitas outras, o ensino integral. Os alunos estudam as disciplinas consideradas “básicas” do currículo, como Português, Matemática, História, Educação Física, entre outras, e, no período vespertino, estudam disciplinas “transversais”, como Práticas Integrantes, Filosofia etc. Os alunos, em ambas as turmas, não acham interessante esse método de ensino, pois, além de ficar o dia todo na escola – o que não lhes agrada em momento nenhum – percebe-se, também, que esta não motiva os alunos para esse “tempo a mais”, não traz atividades dinâmicas e relevantes que contemple o “cotidiano” dos adolescentes, corroborando para que estes fiquem enfadados e desmotivados a estarem ali.

Alguns fatos corriqueiros no cotidiano escolar nos chamaram a atenção, como o de não haver (ou de não quererem se expor) casais formados – geralmente héteros – dentro da escola. Talvez, seja pelo fato do diretor ser muito autoritário e não permitir, em hipótese alguma, que ocorra gestos de carinho dentro do ambiente escolar, como beijos, por exemplo. Houve o uso de termos estereotipados ligados ao público LGBTQI+ como “*viado, viadinho*” em grupos compostos por apenas meninos, nos intervalos, entre o terceiro e o quarto horário. Entretanto, os alunos, sendo a maioria meninos, utilizam desses termos como forma de inferiorizar/zombar a pessoa referenciada, o que já é algo imposto culturalmente, visto que as

peçoas que fazem parte do público LGBTQI+ estão à margem de grande parte da sociedade. É nesse momento que a escola deveria voltar para essas questões e, partindo de uma perspectiva dialógica e autônoma, refletir o porquê que questões ligadas à educação sexual incomodam tantas os núcleos que compõem a sociedade.

Em relação à abordagem da temática sexualidade por parte da professora, foi constatado que, como se presumia hipoteticamente, esta não aborda de alguma maneira a temática. Entretanto, na primeira aula observada de Língua Portuguesa, no primeiro ano B, a professora, ao trabalhar um poema muito conhecido de Carlos Drummond de Andrade “*E agora, José?*” aborda de maneira bem rápida algo relacionado à sexualidade, já que o poema trata dos conflitos que todos nos passamos nas fases da vida. A professora utiliza como exemplo tanto os conflitos de sua época como adolescente, quanto da sua filha Pietra de 14 anos. Nas aulas de Artes acontece algo semelhante: não há abordagem da temática. Em conversa informal com a docente, esta admite que não debate questões voltadas para este assunto, pois além de não saber como discutir com uma turma de primeiro ano, por exemplo, esta, também, tem medo de ser advertida tanto pelos colegas, quanto pela direção/coordenação pedagógica, por estar “incentivando” a vida sexual precoce dos alunos.

Quanto aos livros didáticos das disciplinas observadas (Língua Portuguesa e Artes), percebe-se que nos gêneros textuais analisados (poemas e textos narrativos), não há menção da temática sexualidade, tanto nos textos, quanto nas atividades propostas. Enquanto o livro de Português traz questões de praxe voltadas às escolas literárias, o livro de Artes dita muitos conceitos, o que acaba se tornando um material que não chama à atenção dos alunos para possíveis reflexões acerca de diversos temas que estão em seus cotidianos.

Outro fato que chama atenção é que no dia da primeira observação (12 de março), houve uma palestra com uma enfermeira e um psicólogo, ambos da CAAV – Centro de Assistência e Apoio à Vida de Vitória da Conquista – cujo objetivo foi conscientizar os alunos sobre os riscos das Dst’s e uso de camisinhas, além de esclarecerem dúvidas dos próprios alunos sobre o tema. Apenas os alunos do primeiro ano foram autorizados pela direção a assistir a palestra, o que se torna algo negativo, do ponto de vista pedagógico, já que seria mais benéfico que todos assistissem. Os alunos prestaram bastante atenção e tiveram diversas reações de surpresa e até de humor, principalmente no momento dos especialistas tirarem suas dúvidas.

Apesar de essa palestra ter sido interessante ocorrer no contexto escolar, percebe-se, como já foi explanado, que a escola ainda vê a temática *sexualidade* como se esta apenas abordasse as Dst’s, mesmo esta sendo, hoje, mais flexível quanto à abordagem do tema

sexualidade. Entretanto, aparentemente, a escola tem se preocupado apenas com as práticas sexuais nas mídias digitais e/ou a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, principalmente a AIDS, o que não deixa de ser importante, mas a sexualidade, para além disso, refere-se a construções sociais. Lembramos que isso não é culpa dos especialistas, mas de uma sociedade que é estruturada desde o seu surgimento por meio do heteronormativismo e de tudo que permeiam o modo de vida “tradicional” de se viver em uma sociedade.

Infelizmente, é natural que ocorra medo entre professores, pais e até mesmo da direção escolar de debaterem questões voltadas à sexualidade, mas é necessário, pois a escola forma cidadãos e dentro desta estão presentes muitas ideologias e concepções diferentes umas das outras acerca deste assunto. Um aluno que se identifica como transgênero, por exemplo, poderá passar por muitas dificuldades de adaptação em qualquer escola, já que, provavelmente, seus colegas não entenderão o comportamento deste. Portanto, cabe aos pais, a escola e as outras esferas sociais terem um olhar mais aberto de abordagem a esta temática, promovendo roda de conversas, debates, palestras, trazendo para escola esses sujeitos que fazem parte dessas “novas” identidades sociais que fogem à heteronormatividade com seus depoimentos de como se sentem frente à sociedade, para que consigam provocar reflexões aos alunos sobre os diversos estereótipos que estes carregam entre si desde pequenos.

Portanto, o tema sexualidade é visto por muitos professores como conteúdo que contempla apenas questões biológicas, é visto por grande parte da sociedade como algo que apenas pode ser abordada pela família, mas a sexualidade vai muito além disso, já que esta permeia as posições sociais das pessoas em dada comunidade, e ,através dela, podemos refletir, também, por exemplo, os motivos pelos quais as mulheres são objetificadas sexualmente pelos homens, o machismo e tantos outros temas. É por isso que se a escola não se abre a essas novas identidades socioculturais, ela estará dando margem para que os alunos compartilhem os preconceitos que lhe foram ensinados pela sociedade na qual fazem parte, sem ao menos terem a oportunidade de refletir sobre. As dificuldades para tais discussões sobre o tema na escola são enormes, mas é possível através de diálogos, reflexões, debates, metodologias que possam possibilitar o pensamento livre dos educandos acerca deste tema.

Considerações Finais

Vimos por meio deste artigo que o tema sexualidade ainda é visto por muitas pessoas e, principalmente, por instituições sociais como as escolas, por exemplo, como *tabu* e isso decorre desde os primórdios, quando se constituiu e impuseram as funções de homens e mulheres. A partir do momento em que surgem novas formas de comportamento na sociedade

e que estes fogem do padrão tradicional de se viver, surgem os conflitos e os preconceitos que até hoje, em pleno século XXI, persistem em existir nas diversas ambiências.

Os públicos visto como marginalizados (negros, lgbtqi+, por exemplo) lutam a cada dia para ganharem seus espaços no mercado de trabalho, nas universidades, na busca pela tão sonhada liberdade e, no mais importante, que todas as pessoas que fogem desse padrão são como todas as outras, ou seja, possui os mesmos direitos e deveres e a sociedade em geral necessita fazer uma auto-reflexão para que se “quebre” esses preconceitos impostos pelo heteronormativismo e ideologias, principalmente religiosas, possibilitando que todos possam conviver com respeito e diálogo, tendo os mesmos direitos e deveres.

Esta pesquisa é de grande relevância para os estudos sobre a temática sexualidade, pois traz um novo viés em relação ao livro didático já que não há muitos estudos relacionando este com o tema *sexualidade*. Entretanto, como colocamos, é necessário que haja mais estudos sobre a temática para que a escola comece desde já a pensar de forma mais livre, se desvencilhando dos parâmetros tradicionais de comportamento e/ou família e possibilitar um acolhimento a todos que fazem parte desta.

Referências

- BRITZMAN, Deborah. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, p. 61-82, 2000.
- BUSQUETS, D. M. et al. *Los temas transversales – Claves de la formación integral*. Tradução de Cláudia Schilling. 6.ed. São Paulo: Ática, 1993.
- LOURO, Guacira. Sexualidade: lições na escola. In: MEYER, E.E. D. (Org.). **Saúde e Sexualidade na escola**. Porto Alegre: Mediação, 2000, cap.6, p. 85-96.
- RICARDO-BORTONI, S. M. **Introdução à pesquisa qualitativa. O professor pesquisador**. 3. ed. São Paulo: Parábola editorial, 2008.
- SILVA, D. T. T. et al. **A escola cidadã no contexto da globalização**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

Sobre o autor:

Ádrian Henrique Ferreira Barboza

Graduando em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – Brasil; E-mail: adrianhenrique1920@gmail.com.